



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

BRUNO DOS SANTOS MARANHÃO

RA 20759781

**O PAPEL DA MÍDIA, E A RELAÇÃO ENTRE PODER E MEIOS DE
COMUNICAÇÃO, NA SÉRIE HARRY POTTER**

BRASÍLIA

2011

BRUNO DOS SANTOS MARANHÃO

RA 20759781

**O PAPEL DA MÍDIA, E A RELAÇÃO ENTRE PODER E MEIOS DE
COMUNICAÇÃO, NA SÉRIE HARRY POTTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado como exigência do Curso de
Comunicação Social – Jornalismo, do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB, para a
obtenção do título de Bacharel, sob à
orientação da Profa. Dra. Cláudia Maria
Busato.

BRASÍLIA

2011

BRUNO DOS SANTOS MARANHÃO

RA 20759781

**O PAPEL DA MÍDIA, E A RELAÇÃO ENTRE PODER E MEIOS DE
COMUNICAÇÃO, NA SÉRIE HARRY POTTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como exigência do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, para a obtenção do título de Bacharel, sob à orientação da Profa. Dra. Cláudia Maria Busato. Banca examinadora:

Aprovado em 15 de Junho de 2011.

Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Busato
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Orientador (a)

Prof. Dr. Sérgio Euclides Braga Leal de Souza
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Avaliador (a)

Prof^a. MSc. Karina Gomes Barbosa
Universidade de Brasília
Avaliador (a)

BRASÍLIA

2011

Este trabalho é dedicado a Deus, causa primeira de todas as coisas; à minha família, por me encorajar sempre a não ter medo de sonhar e correr atrás destes sonhos; à J.K. Rowling, autora sem a qual meu objeto de estudo não existiria, mas, muito mais do que isso, sem a qual eu não teria os momentos incríveis que passei ao lado de Harry, Rony e Hermione, e tudo o que estes sete livros representam para mim; e por último, mais não menos importante, aos amigos da geração Harry Potter, por todas as filas quilométricas e por toda a ansiedade que enfrentamos juntos, em livrarias e cinemas, ao longo destes dez anos.

Agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade de sempre fazer um final melhor; à minha família, por ter estado ao meu lado ouvindo meus discursos constantes (muitas vezes intermináveis) sobre o andamento desta pesquisa; e à minha professora orientadora, por me inspirar desde a primeira aula que assisti, e por ter me ensinado a olhar além do discurso.

“Cada qual acredita que o que tem a dizer é muito mais importante do que qualquer coisa que o outro tenha a contribuir.”

Dumbledore

RESUMO

MARANHÃO, Bruno Dos Santos. **O Papel da Mídia, e a Relação entre Poder e Meios de Comunicação, na Série Harry Potter**. 15 de Junho de 2011. 39f. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, 2011.

Um ditador chega ao poder e tenta convencer a determinada comunidade de que os valores que seu regime defende são a única verdade possível. Utilizando muito mais do que a força, ele lança mão dos meios de comunicação para influenciar diretamente na visão de mundo destes indivíduos, ressignificando os enunciados e a realidade do grupo. Esta proposição poderia estar se referindo a qualquer ditador ao longo da história da humanidade se, neste caso em particular, não estivesse se referindo à Lord Voldemort, vilão da série Harry Potter, escrita pela autora britânica J.K. Rowling. Das páginas do best-seller de toda uma geração, reflexões sobre poder, discurso e verdade são tecidas dentro e fora do contexto da série literária, e as relações entre poder e meios de comunicação e o potencial impacto que podem gerar na visão de mundo dos indivíduos sociais são colocados em discussão. Por meio da análise da presença dos *media* dentro dos sete livros que compõem a série, procura-se identificar, amparado pelas Teorias da Comunicação, a que se sobressai ditando o comportamento destes, revelando uma visão instrumentalista dos meios, utilizados pelas forças de poder como base avançada de propaganda de seus interesses, conforme referências da Ação Política.

Palavras-chave: Harry Potter, Discurso, Meios de Comunicação, Poder, Teorias da Comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - A AUTORA E A OBRA	11
1.1 Biografia da Autora	11
1.2 Itinerário das Obras Tratadas	12
CAPÍTULO 2 - DISCURSO, VERDADE E PODER	18
CAPÍTULO 3 - O PAPEL DA MÍDIA EM HARRY POTTER	23
3.1 A Construção da Imagem dos Meios de Comunicação no Contexto da Trama	24
3.2 A Consolidação da Imagem dos Meios de Comunicação no Contexto da Trama	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS.....	37

INTRODUÇÃO

A série Harry Potter é facilmente reconhecida por sua trajetória meteórica rumo ao sucesso absoluto de vendas, arrebanhando jovens leitores e os iniciando no mundo dos livros - domínio pouco explorado pela geração mais jovem no período que antecedeu a chegada de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* às prateleiras, em 1997. Outro aspecto facilmente associado aos livros de Harry Potter é a escalada social da autora, J.K. Rowling, que passou de mãe solteira sustentada com a ajuda do governo britânico a uma das mulheres mais ricas e influentes do mundo.

Em seu ineditismo, esta pesquisa propõe o convite a um olhar diferenciado sobre a série, levando em consideração um aspecto novo da obra, sob a luz da comunicação, indo muito além do que é comumente tratado hoje, por entender que resumir apressadamente a série como apenas livros infanto-juvenis campeões de venda seria passar por cima de muitos aspectos de grande valia não só para os leitores destes livros, como para o mundo acadêmico de uma maneira geral.

Por seu distanciamento, o mundo ficcional de Harry Potter permite analisar, neste caso em particular, qual comunicação existe dentro do universo de Harry Potter, e como se comporta, problematizar dentro deste universo o papel da mídia, e a relação entre poder e meios de comunicação, trazendo as observações também para o comportamento desses meios fora do mundo criado pela autora. Assim sendo, este trabalho pretende analisar os discursos de valor sobre a dinâmica entre poder e meios de comunicação presentes nas entre linhas da trama da série e analisar a visão da autora em relação a esses aspectos.

A pesquisa será delimitada pela análise dos conteúdos dos setes volumes que compõem a série Harry Potter (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*). Todas as referências à mídia e aos meios de comunicação dentro das páginas dos sete livros, assim como sua relação com poder e ideologia, serão decantadas e analisadas com base nas teorias da comunicação, sem deixar de levar em conta o universo em que estão inseridas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, serão levadas em conta as Teorias da Comunicação, com ênfase nas Teorias da Ação Política, abordagem

instrumentalista dos meios de comunicação onde as notícias são encaradas como distorções sistemáticas, servindo diretamente para propagar a visão do mundo e da sociedade de agentes sociais específicos. Segundo a abordagem das Teorias da Ação Política, a mídia está a serviço de interesses políticos, servindo como um mecanismo requintado de propaganda do *establishment*, ou poder instituído, como afirma Nelson Traquina, em *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são* (2005, p. 163).

No primeiro capítulo, um breve histórico cobrirá a biografia da autora por detrás do fenômeno literário e de forma breve mostrará os estágios que formam o enredo dos sete livros publicados da série. Em seguida, o segundo capítulo se ocupará da relação bastante próxima e conflituosa entre poder, verdade e discurso. Finalizando a discussão, o terceiro capítulo fechará trazendo a análise do papel desempenhado pelos meios de comunicação dentro do contexto da trama de Harry Potter. Distribuída desta maneira, a disposição dos capítulos permite ao leitor um caminhar natural pela lógica que guia o olhar deste estudo.

CAPÍTULO 1 - A AUTORA E A OBRA

1.1 Biografia da autora¹

A ideia por detrás da trama da série Harry Potter surgiu em uma viagem de trem feita pela autora J. K. Rowling, entre Manchester e Londres, na Inglaterra, ainda no ano de 1990. Foi quando, segundo a autora, a ideia de Harry Potter simplesmente surgiu em sua cabeça e todos os detalhes acumularam-se em seu cérebro. Infelizmente, ela não tinha na bolsa uma caneta que funcionasse, e era perdidamente tímida para pedir uma emprestada para qualquer passageiro do vagão. “Todos os detalhes vieram à minha cabeça, e este garoto magricela, de cabelos negros e óculos, que não sabia que era um bruxo, tornou-se mais e mais real para mim” (ROWLING, J.K. Site oficial. Disponível em: <http://www.jkrowling.com> Acesso em: 06 mar. 2011).

As circunstâncias do nascimento deste que se tornaria o grande fenômeno literário de toda uma geração, e o caminho até a conquista do sucesso absoluto, estão à altura das aventuras fantásticas impressas em suas páginas. Ao todo, Rowling levou aproximadamente sete anos para finalizar o primeiro título da série Harry Potter (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*). Durante este tempo, ela tinha perdido sua mãe, Anne Rowling, para a esclerose múltipla, uma doença neurológica crônica; se mudado para Portugal, para lecionar inglês; e depois retornado à Grã-Bretanha, agora divorciada e com uma filha pequena. Somente um ano depois de retornar às Ilhas Britânicas ela finalizou o livro, escrevendo em cafés, com sua filha em um carrinho de bebê ao seu lado. Imagem que tornou-se bastante conhecida após o sucesso da série, estampada em toda, e qualquer, reportagem sobre a autora iniciante por detrás do fenômeno Harry Potter.

À época ela se sustentava com a ajuda do governo, e mesmo sendo professora licenciada, não conseguia encontrar trabalho, “de modo que sua escolha era ou um trabalho em tempo integral mais os custos de uma creche, ou cuidar da filha ela mesma e escrever” (ANELLI, 2008, p. 60). Ela tinha em mãos calhamaços de anotações sobre o mundo de Harry Potter – os antecedentes da trama, idéias

¹ Foram fontes para esta biografia o livro *Harry e Seus Fãs*, de Melissa Anelli, e *Accio Quote!*, banco de dados de entrevistas concedidas pela autora J.K. Rowling a jornais do Reino Unido, aqui traduzidos pelo site Potterish.

para o desenrolar da história, seu possível desfecho, além dos três primeiros capítulos da primeira aventura do seu menino bruxo. Ela então decidiu escrever.

Porém, antes de conseguir que seu primeiro livro fosse publicado, a autora recebeu a recusa de nove editoras, que alegaram que colégios internos eram para a elite, e que seu livro era muito extenso - tinha mais ou menos três vezes o tamanho que os livros para crianças deveriam ter. Era demais para uma autora estreante. Foi só em agosto de 1996, e portanto um ano depois de finalizar o livro, que uma editora arriscaria em fazer uma oferta, neste caso a editora Bloomsbury, que à época começava a montar a lista infanto-juvenil da editora, e buscava títulos que, nas palavras do editor Barry Cunningham, “as crianças abraçassem, livros que elas amassem, livros que as fizessem sentir que o autor era o melhor amigo delas” (ANELLI, 2008, p. 61).

Antes mesmo de a Bloomsbury adquirir os direitos para negociar a publicação da série no exterior, e alguns meses antes da publicação do primeiro livro no Reino Unido, a editora americana Scholastic também se mostrou interessada, e queria levar a história de Harry Potter para o outro lado do atlântico, aos Estados Unidos. A maré começava a mudar para J. K. Rowling. Alguns anos depois, em 1998, a Warner Bros. fechava contrato para levar a história para as grandes telas, no que se tornaria uma das franquias mais bem sucedidas do cinema.

1.2 Itinerário das obras tratadas²

A história do “Menino Que Sobreviveu”³ se passa entre os anos de 1991 e 1998, embora os livros tenham sido publicados entre 1997 (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeiro livro da série a ser publicado) e 2007 (*Harry Potter e as Relíquias da Morte*, sétimo e último livro da série a ser publicado). Cada livro corresponde a um ano da vida de Harry Potter na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, e amadurece à medida que Harry caminha para a maioridade (17 anos), e para o desfecho da história.

No entanto, para entender a origem do conflito presente no enredo destes sete livros, é preciso voltar ao ano de 1980, mais precisamente alguns meses antes

² Foram fontes, para o itinerário das obras tratadas, os sete livros da série Harry Potter, escritos por J.K. Rowling.

³ Expressão comumente utilizada na trama para se referir a Harry Potter.

do fim do mês de julho daquele ano, e, portanto, antes mesmo do nascimento do protagonista, quando uma profecia muda completamente os rumos da história da comunidade bruxa, à época atormentada por Lord Voldemort, considerado por muitos o bruxo das trevas mais poderoso de todos os tempos. A profecia dizia que:

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar... (ROWLING. 2003, p. 679)

Harry Potter nasce em 31 de julho de 1980, ao final do sétimo mês, como trazia a profecia. Filho de Tiago Potter e Lilian Potter, bruxos integrantes da Ordem da Fênix (organização de resistência à Lord Voldemort, e seus seguidores, os Comensais da Morte), ambos tendo escapado por três vezes das garras do vilão. Voldemort decide assassinar então aquele, que segundo seu entendimento, poderia se tornar, no futuro, um possível obstáculo em sua caminhada pelo poder. É assim que eventos importantes para o futuro da trama começam a ser escritos, e vão desencadear toda a história como ela é conhecida.

Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado⁴ se dispôs a matar o bebê, acreditando estar a par de todo o conteúdo da profecia, mas descobriu à sua própria custa que estava enganado, quando depois de assassinar Tiago Potter, e em seguida Lilian Potter, que se sacrificou por seu filho, viu a maldição da morte, Avada Kedavra, lançada em direção ao garoto, se voltar contra ele mesmo o reduzindo a uma mera “sombra vaporosa”, e deixando no garoto apenas uma cicatriz, em forma de raio, na testa.

Voldemort tomara conhecimento apenas da parte inicial da profecia, e por isso mesmo, não anteviu que atacar Harry Potter poderia significar transferir poderes a ele, marcá-lo como seu igual. Da mesma forma, o bruxo das trevas mais poderoso de todos os tempos, ignorou parte de seu conhecimento, parte que despreza, e por isso mesmo subestimou. O sacrifício da mãe de Harry, que entregou sua vida para salvá-lo, selou no garoto uma proteção forte, magia antiga.

⁴ Expressão comumente utilizada na trama para se referir ao vilão Lord Voldemort.

Voldemort não morreu com o feitiço, ele que chegou mais longe no caminho que leva a imortalidade, mas fora arrancado de seu corpo, tornando-se menos que um espírito; continuou vivo, mas incapaz de ajudar a si mesmo através de magia. Neste meio tempo, entre a comunidade bruxa, a notícia da queda do vilão se espalhava, e a perspectiva de sua derrota fazia de Harry Potter "O Menino que Sobreviveu". Mas até que ponto Lorde Voldemort havia sido derrotado?

Em um salto na história, Harry Potter está com onze anos. Ele é criado por seus tios trouxas (Válter e Petúnia Dursley), seus únicos parentes vivos, após ter sido deixado em sua porta. Ele não sabe a verdade sobre a morte de seus pais, e sobre sua verdadeira natureza. Seus tios são descritos como sendo perfeitamente normais, as últimas pessoas no mundo que se envolveriam em alguma coisa estranha ou misteriosa.

Harry Potter é criado em um bairro típico do subúrbio inglês, em uma casa muitas vezes descrita como cirurgicamente limpa, herdando as roupas de seu primo (Duda Dursley), e convivendo com os seus constantes ataques. Ele é o elemento estranho no quadro perfeitamente montado pelos tios e, por isso mesmo, considerado uma constante ameaça ao bem estar da família. As coisas começam a mudar quando Harry recebe uma carta, talvez a primeira carta endereçada a ele em toda a sua vida (ou as primeiras, já que os tios não o deixam colocar as mãos tão fácil assim na correspondência, e cópias da mesma carta não param de chegar, trazidas por dezenas de corujas, e depois por um meio gigante).

O remetente, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o informa da existência de uma vaga em seu nome no corpo dicente da instituição, e do início do semestre letivo a começar no primeiro dia do mês de setembro. Harry é um bruxo. Seus pais não foram mortos em um acidente de carro, como os tios alegavam. Válter e Petúnia Dursley estavam dispostos a afastar de sua árvore genealógica qualquer vestígio considerado fora dos padrões. Petúnia não queria mais uma aberração, como sua irmã (Lílian Potter), na família.

É então quando Harry Potter embarca no Expresso de Hogwarts, trem que o levará do mundo trouxa⁵, ao desconhecido mundo da magia, que nossas descobertas começam. A autora, J.K. Rowling, vai aos poucos introduzindo, de forma bastante fluida, elementos essenciais na constituição deste universo mágico.

⁵ 'Trouxa' é uma expressão criada pela autora J.K. Rowling para designar tudo aquilo que não pertence ao Mundo Bruxo, ou seja, o que não é mágico.

É aqui que se começa a lidar com um aspecto que será definitivo para o entendimento da dinâmica social sob a qual funciona o mundo mágico descoberto por Harry, e merece destaque por que irá determinar a forma como se olhará para esse mundo ao avançar esta análise: ser bruxo, trouxa, ou mestiço (mistura entre as duas outras raças) faz toda a diferença para uma parcela da sociedade bruxa. Parcela responsável por ter dado poder a Voldemort, poderoso bruxo das trevas, que pregava entre outras coisas a superioridade dos sangues-puros (bruxos) perante os sangues-ruins (mestiços e trouxas), há mais de uma década.

Ao longo dos anos que seguem o retorno de Harry Potter ao mundo bruxo, Voldemort tenta retomar a posição que havia conquistado antes de sua queda. Mas antes de ir atrás daquele responsável por sua derrocada, precisa lidar primeiro com o fato de que, antes de qualquer movimentação, precisa de um corpo capaz de executar sua magia, uma vez que durante o tempo em que esteve subjugado precisou se apoderar de corpos de animais para manter-se vivo. Seu retorno efetivo, na posse de um corpo, e com suas habilidades mais uma vez restabelecidas, acontece no quarto ano de Harry.

Em um ritual de magia das trevas, 'osso do pai tirado sem seu consentimento', 'carne do servo dada de boa vontade' e 'sangue do inimigo tirado à força' se juntam para devolver ao vilão o corpo que possuía antes de sua queda, e assim o que lhe faltava para usar de seu poder plenamente. Esse acontecimento é também de grande importância para que se entenda o que virá junto do desfecho da história, uma vez que o sangue que agora corre no corpo de Voldemort é o mesmo sangue que corre nas veias de Harry - 'sangue do inimigo tirado à força' - e que guarda a magia do sacrifício da mãe do protagonista.

Mesmo depois de seu retorno, Voldemort toma o cuidado de se valer do medo e da incerteza que rondam seu nome e continuar na clandestinidade, articulando sem pressa maneiras de reconquistar o que lhe foi tirado naquela noite onde um menino, apenas um menino, havia derrotado o grande Lorde das Trevas. O tempo avança e sinais bastante convincentes mostravam sua influência devastadora, inclusive no mundo dos trouxas, mesmo assim as autoridades preferiam negar a volta d'Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado.

Neste meio tempo, a Ordem da Fênix, grupo não ligado ao governo, é convocada mais uma vez, como na última guerra, para tentar retardar os planos de

Voldemort e de seus seguidores, e tentar salvar / alertar o mundo bruxo sobre o seu retorno; enquanto Harry é difamado nos jornais pró-governo como um garoto sedento de atenção, mentindo descaradamente sobre o retorno de Voldemort para estar nas páginas dos jornais outra vez.

Disposto a não ignorar o que provocou um retardamento de mais de uma década em sua caminhada pelo poder, Voldemort deseja se apoderar da profecia, para estar consciente de seu conteúdo integral antes de voltar a encontrar “O Menino que Sobreviveu”. Mas a profecia acaba sendo destruída em um embate entre os Comensais da Morte e a Ordem da Fênix dentro do Ministério da Magia, e Voldemort se revela para a comunidade bruxa.

Conforme o final se aproxima, o conceito de Horcrux, “recipiente onde um bruxo das trevas esconde um fragmento de sua alma, tentando alcançar a imortalidade” (ROWLING, J.K. Site oficial. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/> Acesso em: 13 mar. 2011), é sinalizado como o caminho para a solução do enigma que envolve Harry Potter e Voldemort, até então inexplicável mesmo por meio da magia. Lord Voldemort, tendo ido longe em sua cruzada para vencer a morte, havia criado sete delas. E enquanto estes objetos guardassem intactos os fragmentos de sua alma, ele se manteria vivo. O que coloca Harry imediatamente em uma jornada para achar e destruir cada uma delas. Uma vez que “um dos dois deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver...”, como trazia a profecia.

Aqui, mais uma vez, para entender o desenrolar da história, é preciso voltar ao acontecimento fundamental, onde Voldemort, ao tentar se desfazer de Harry Potter - ainda um bebê - não fora capaz de matá-lo. Ao tentar assassinar o garoto, alojou um pedaço da sua alma junto dele, o tornando sua sétima Horcrux. É assim que, em seu trajeto para derrotar Lord Voldemort, Harry precisa se sacrificar no final, para conseguir destruir a última parte que mantém o vilão imortal. A parte que está nele. Em seu sacrifício, porém, ele mata a parte de Voldemort alojado em seu corpo, e não a si. Detalhes que asseguram em um embate futuro igualdade a ambos os lados, dois mortais duelando por suas vidas.

Ao final, tudo se resume ao *amor*. Força poderosa, desprezada por Lord Voldemort, e por isso mesmo ignorada por ele durante todo o desenrolar dos acontecimentos que levaram a sua queda definitiva ao final do sétimo volume da

série. Amor que se recusou a sentir por qualquer um, ou qualquer coisa, que fosse, com exceção, talvez, do que sentiu pelo poder e pela imortalidade, se for aceitável comparar esta manifestação como estando próxima desse sentimento. Nem mesmo um de seus Comensais da Morte, leais seguidores de causa, poderá alegar ter sido um dia amado por seu líder, ou ter sido alvo de qualquer sentimento que o fizesse depender de alguém que não fosse dele mesmo.

Quando recebe o sacrifício de Harry, lançando contra o garoto a maldição da morte, e aparentemente matando-o, o vilão percebe que, mais uma vez, ela provocara efeitos adversos do que seria esperado. Já que ao lançar o feitiço para tirar a vida do protagonista, ele mesmo tenha sido lançado a alguns metros e caído inconsciente por alguns instantes. Ele então ordena que um de seus seguidores vá até o corpo de seu inimigo e assegure-se de que ele esteja realmente morto. É quando uma seguidora, aflita com o fato de seu filho estar perdido em meio ao campo de batalha, barganha com o herói e deixa-o passar por morto, em troca da informação de que seu filho está a salvo. Amor de mãe que permitiu ao protagonista seguir com o seu plano.

Da mesma forma que Voldemort não contava que um de seus Comensais da Morte era na verdade um espião do lado inimigo. Desde que assassinara a mãe de Harry Potter, paixão secreta deste seguidor, o vilão o motivou a não priorizar o seu amo em detrimento da paixão que nunca deixou de sentir, mesmo depois de tantos anos, e o fez encontrar a sua própria causa para lutar. Amor que causou a falha determinante no plano que parecia perfeitamente arquitetado, levando a derrota de seu senhor. A Varinha das Varinhas, cuja lenda trazia ser invencível, não estava em suas mãos na hora de duelar com seu inimigo.

Amor que serve de combustível para tudo o que o herói enfrenta em sua jornada até o final, e que fora muito bem colocado no vídeo promocional da última adaptação da série para o cinema, em uma sequência onde o vilão pergunta ao menino que sobreviveu porque ele insiste em viver, e o protagonista o responde que vive porque tem algo pelo qual vale a pena viver.

CAPÍTULO 2 – DISCURSO, PODER E VERDADE

O homem é um animal sociável (só pode viver e se desenvolver entre seus iguais), mas é também um animal egoísta (o que significa que pode não abrir mão de seus próprios desejos em detrimento dos outros), como coloca André Comte-Sponville, em sua explanação sobre o papel da política nas relações humanas, no livro *Apresentação da Filosofia* (2003, p.27). Neste sentido, a política (entendida aqui como um mecanismo de articulação do poder) tem como função social fazer coexistir a natureza paradoxal do indivíduo, causando o menor número de danos possível entre este e o seu semelhante. “É por isso que precisamos de um Estado. Não porque os homens são bons ou justos, mas porque não são. Não porque são solidários, mas para que tenham a oportunidade de, talvez, vir a sê-lo” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 27).

Para que não se configure um cenário de completa anarquia, em uma guerra de todos contra todos, no que Hobbes (apud COMTE-SPONVILLE, 2003) chama de estado natural do homem, se faz necessário então um poder comum, uma lei comum, um estado comum. O que não significa dizer que, uma vez instituída uma unidade de referência do poder, esta unidade estará salvaguardada, livre de qualquer conflito, uma vez que a política supõe discordância, embate:

Sabemos perfeitamente que é necessário um poder, ou vários, sabemos que é preciso obedecer. Mas não a qualquer um, mas não a qualquer preço. [...] Queremos que o poder a que nos submetemos, em vez de abolir o nosso, o fortaleça ou o garanta. (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 28 e 29)

É a partir desta imbricação entre política e poder que Michel Foucault propõe, em *Microfísica do Poder*, um modelo inovador, distanciando-se das abordagens inspiradas por modelos econômicos. Foucault introduz um modelo bélico de poder, cuja essência é a luta, o afrontamento. O poder não é mostrado como um lugar que se ocupa, nem um objeto o qual possa vir a ser possuído, mas como algo que se exerce, algo que se disputa. O poder em si não existe, existem sim práticas ou relações de poder, sendo estas móveis e nunca plenamente garantidas. Precisam ser constantemente asseguradas. E os embates virão de todos os lados, uma vez que onde há poder há também resistência e ambos se encontram distribuídos ao longo de toda a estrutura social.

Assim sendo, abre-se campo para conjecturar a existência de poderes paralelos ao do Estado (não necessariamente criados por este), poderes que podem vir assegurar sua soberania, e poderes que podem vir também, em um outro momento, a questioná-la. Uma vez que, como aponta Foucault, “o aparelho de Estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas o ultrapassa e complementa” (apud MACHADO, 2000, p. XIII). Poderes que se expandem por todo o corpo social, assumindo formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Foucault descreve estes “micro-poderes” como investidos de autoridade, assim como o Estado, para intervir materialmente (ou seja, de forma concreta) na realidade dos indivíduos, e os localiza ao nível do próprio corpo social, penetrando na vida cotidiana. O que nesta pesquisa levará a reflexão sobre o chamado quarto poder. Expressão comumente utilizada para se referir ao poder exercido pelos meios de comunicação na sociedade em que se encontram inseridos, aludindo aos três poderes que constituem um governo democrático (Legislativo, Executivo e Judiciário), poder exercido pelo discurso.

Um outro conceito, este introduzido em *Vigiar e Punir*, também de Michel Foucault, diz respeito aos efeitos do poder exercido nos indivíduos sociáveis. Foucault diz que é “preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ele ‘reprime’, [...] ele ‘censura’”. Quando na verdade ele produz, “ele produz real, produz domínios de objetos e rituais de verdade” (apud MACHADO, 2000, p. XVI). O que leva a concluir junto do autor que não pode se esperar definir poder levando em conta apenas seu lado repressivo, e que muito se ganha a partir do momento em que a abordagem se desloca evidenciando um poder que molda, um poder que adentra. Conceito que será valioso quando analisada a forma como a comunicação pode ser utilizada pelo Estado e para o Estado, o que não deixará de fora também o uso direcionado contra ele. Ora, onde existe o poder, existe também a resistência, como já apontado anteriormente. Haverá, portanto, espaço de análise para os dois lados da moeda.

Falamos aqui do discurso. Em sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, mais tarde transformada no livro *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault

introduz reflexões importantes a respeito da relação existente entre as práticas do discurso e os poderes que permeiam estas práticas:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2010, p. 09)

Isso se deve, segundo o pensador, porque longe de ser considerado algo simples e despretensioso, o discurso não é apenas uma manifestação do desejo, ele é, também - como mostrado pela psicanálise, o objeto deste desejo. O discurso, portanto, “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2010, p. 10). Está na natureza irrefutável das práticas discursivas flertar com o desejo e com o poder.

Foucault destaca então três procedimentos de exclusão que serão responsáveis por moldar o discurso: 1) a interdição – o mais evidente e familiar dos procedimentos, 2) a oposição entre razão e loucura e 3) a separação entre o verdadeiro e o falso. Por hora, esta pesquisa irá se demorar mais pormenorizadamente nas técnicas de interdição e separação entre o que é verdade e o que não é. A *interdição* encontra lugar no consenso social de que os indivíduos não têm o direito de dizer tudo, de que eles não podem falar de tudo em qualquer circunstância, enfim, de que não é permitido a qualquer um falar de qualquer coisa.

Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo de quem fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 2010, p. 09)

Não por acaso, a política consta em uma das regiões onde, neste contexto, a grade se encontra mais cerrada (a outra sendo a sexualidade). O discurso, longe de ser neutro e transparente, um potencial agente pacificador da política (e capaz de desarmar a sexualidade), acaba por exercer alguns de seus mais temíveis poderes.

No que diz respeito à vontade de verdade, esta encontra-se sempre apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional e tende a exercer sobre os outros discursos que circulam no meio social todo o seu poder de coerção, pressionando-

os. Ela é reforçada constantemente por um conjunto de práticas, mas é também reconduzida pelo modo como o saber é aplicado em determinada sociedade, como são distribuídos e atribuídos seus valores do que pode ser determinado como verdadeiro, está em constante deslocamento. Desta forma, temos que “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2000, p. 12). Da mesma maneira que, cada célula social, irá estabelecer as técnicas e os procedimentos considerados, em seu nicho, mais acertados para obter a verdade, e irá determinar o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

A verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções, a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar.). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. (FOUCAULT, 2000, p. 12)

É quando Foucault apresenta cinco características da “economia política” da verdade, historicamente determinantes nas sociedades contemporâneas: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem, como dito antes; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder políticos); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas ligações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”).

A luta travada em torno da verdade acontece para tentar mudar justamente o regime político, econômico, institucional de produção da verdade estabelecido por essas práticas determinantes em favor daquele que luta e de sua nova ideologia. Não é libertar a verdade das “garras do poder” (o que não existe, uma vez que a verdade não existe fora do poder, ou sem ele), e sim “desvincular o poder da

verdade das formas de hegemonia no interior das quais ela funciona no momento” (FOUCAULT, 2000, p. 14). Tendo em mente o conceito de verdade como sendo o conjunto das regras segundo as quais se consegue distinguir o que é verdadeiro e o que é falso e atribuir, ao que é verdadeiro, efeitos específicos deste poder que se deseja estabelecer.

CAPÍTULO 3 – O PAPEL DESEMPENHADO PELA MÍDIA EM HARRY POTTER

Não é segredo algum o lugar privilegiado que se reserva aos meios de comunicação em momentos tempestuosos de insegurança política e disputa pelo poder. Basta um olhar mais atento pela história da humanidade para perceber a atenção extra conferida pelas autoridades aos meios de transmissão de mensagem para as massas. Atraídos pela difusão rápida e eficiente de verdades, o que é transmitido para o grupo social tem tanta importância quanto decidir qual base avançará no *front* em uma guerra. Isso porque “encontramos nossas identidades nas relações sociais que nos são impostas e nas que procuramos” (SILVERSTONE, 2002, p. 181), o que será determinante para aquele que pretende fazer uso deste mecanismo para motivar o grupo para sua causa, seja ela qual for. Escrever e veicular notícias vai muito além da apuração e de todas as rotinas que permeiam a *praxis* jornalística, escrever notícias é produzir sentidos, e reproduzi-los. Roger Silverstone observa, em seu livro *Porque estudar a Mídia?* (SILVERSTONE, 2002, p. 238), que jornalistas e historiadores escrevem e reescrevem nossa história todos os dias, evidenciando justamente a capacidade que a mídia tem de construir identidade (e realidade) em seus textos, mas também em seus contextos.

Este comportamento ganha força, sobretudo, a partir do século XIX, período no qual a Revolução Industrial se expande pelo mundo, a partir da Inglaterra, e especialmente na segunda metade deste período histórico, com o começo do que é considerada a Segunda Revolução Industrial, quando o mundo passa por um processo de urbanização massiva, onde a população das cidades supera o número de pessoas que vivem no campo. Com isto, a comunicação entre indivíduos de uma mesma sociedade torna-se mais difícil. É quando surge a comunicação de massa. Impedidos de comunicação direta ou de alcançar qualquer tipo de informação de maneira pessoal, estes indivíduos precisam contar agora com intermediários, que “tanto implicam pessoas que desenvolvam ações de buscar a informação, tratá-la e veiculá-la – os jornalistas – quanto de tecnologias através das quais se distribuem essas informações” (HOHLFELDT, 2002, p. 62). O que significa dizer que, entre o emissor, a mensagem e o receptor, passam a existir maiores brechas para interferências, ou ruídos, do momento onde se mostra o acontecimento até a sua comunicação ao receptor final.

Na Alemanha Nazista, Adolf Hitler e Joseph Goebbels apostaram na propaganda e são ainda hoje estudados por sua eficiência em difundir a ideologia nazista através do cinema e do rádio. No Brasil, o regime militar e a censura que interferia na mídia, e na visão da realidade brasileira, ainda são assuntos bastante delicados de serem tratados. Em Harry Potter, a situação não é muito diferente.

3.1 A construção da imagem dos meios de comunicação no contexto da trama

É possível dividir os sete livros da série Harry Potter em duas etapas distintas, mas complementares, e assim facilitar a análise da estrutura da trama e o papel dos meios de comunicação dentro deste universo literário. Em um primeiro momento, que corresponde aos quatro primeiros livros, Harry Potter redescobre sua identidade bruxa, e em seu retorno ele precisa recuperar o tempo perdido, reconstruir sua visão de mundo dentro daquele novo contexto e tomar consciência da amplitude de sua missão. Ele está sendo preparado para o desfecho e clímax da trama, um herói em formação. Esta fase coincide, não por acaso, com a infância e o começo da adolescência do personagem protagonista. Junto dele, o leitor é também introduzido a todos os aspectos deste mundo novo e de seus significados.

É em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, volume que inaugura a série, que se observa o primeiro contato com o objeto de estudo desta pesquisa, os meios de comunicação. Uma coruja entra voando pela janela e deixa cair um jornal, que mais tarde se descobre chamar “O Profeta Diário”, veículo de maior circulação no mundo bruxo. Não por acaso, a autora escolheu mostrar que os meios de comunicação exercem papel de grande importância dentro do contexto ontológico em que se estrutura a trama, merecendo destaque junto dos demais aspectos deste mundo a serem apresentados ainda no primeiro livro. Valor reforçado ao longo de todo o desenrolar do enredo, quando: 1) a autora faz uso de manchetes e de matérias publicadas em “O Profeta Diário” para dar ao leitor o tom dos acontecimentos, e provocar as reações dos personagens durante a trama. 2) as matérias extraídas deste jornal recebem destaque, aparecendo com formatação diferenciada do restante do padrão gráfico utilizado na impressão dos livros (ver em anexos A e B).

Conforme a história avança, novas características e, conseqüentemente, juízos de valor são acrescentados ao periódico, de forma que em *Harry Potter e a Câmara*

Secreta e *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (segundo e terceiro volumes da série, respectivamente) a relação entre poder e meios de comunicação começa a mostrar todo o peso que será completamente revelado na reta final do enredo. No primeiro, ataques aos alunos nascidos trouxa, de origem não bruxa, colocam em risco o futuro da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A perspectiva de pais sendo informados dos riscos aos quais estão sendo submetidos seus filhos levaria a uma debandada em massa, o que forçaria o fechamento da instituição, provocada pela falta de segurança na escola, e consequente baixo contingente de estudantes. Em uma conversa entre personagens, sobre a razão de o jornal mais lido da comunidade bruxa não estar divulgando os ataques, uma hipótese é levantada onde o diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore, o mais poderoso bruxo dos tempos modernos, poderia estar usando o seu prestígio para influenciar o que estava sendo publicado no periódico:

[...] - Sabe, estou admirado que o Profeta Diário ainda não tenha noticiado todos esses ataques – continuou, pensativo. – Suponho que Dumbledore esteja tentando abafar o caso. Ele vai ser despedido se isso não parar logo [...] (*Harry Potter e a Câmara Secreta*, 2000, p. 190).

Esta simples conjectura, a da influência de poder nos meios de comunicação do mundo bruxo, abre premissa para que o leitor desconfie de tudo o que for publicado pelo “O Profeta Diário” a partir deste ponto do enredo. Colocando em questão os valores de verdade e imparcialidade dos meios de comunicação, e reforçando a crença pregada pelos teóricos da Ação Política, onde os meios de comunicação são vistos por um ângulo instrumentalista, o que na prática significa que são instrumentos, como o próprio nome denuncia, para propagar interesses políticos, seja a favor ou contra o *establishment*. “Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc.” (TRAQUINA, 2005, p. 163).

Já no segundo, um famoso assassino, antigo partidário do vilão Voldemort, está à solta e à procura de Harry Potter. Toda a comunidade bruxa teme o foragido, e histórias circulam sobre suas cruéis proezas; estariam de volta os tempos sombrios

em que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado aterrorizou o mundo bruxo? Neste meio tempo, para o desespero do Ministério da Magia, Harry (que ainda não sabe de seu perseguidor sanguinário) decide fugir de casa após discussão com sua família trouxa, e depois de ter inflado a irmã do tio como um balão. Sendo bruxo menor de idade, Harry não é permitido a fazer magia fora da escola, o que muito provavelmente colocaria o Ministério atrás dele mais cedo, ou mais tarde, e este seria expulso.

Em conversa com o Ministro da Magia Cornélio Fudge, no entanto, o protagonista ouve da boca do próprio chefe de governo que não precisa se preocupar em ser expulso de Hogwarts por ter inflado a tia. Harry então questiona o Ministro dizendo que esse procedimento era previsto no estatuto de leis mágicas, e por isso esperava ter sido expulso. É quando o premiê justifica a ele que “as circunstâncias mudam”. Mais a frente, ao comentar com os amigos sobre o acontecido, ele questiona um deles, cujo pai trabalha no Ministério, se este saberia de algum motivo mais concreto para não ter sido punido pelo órgão, o amigo então responde que não sabe de nada, mas pode ter sido por que ele era “o famoso Harry Potter”. E brinca que não gostaria nem de saber o que o Ministério faria caso ele inflasse a tia.

Mais tarde, em uma conversa entre os pais deste mesmo amigo, Harry descobre estar sendo caçado pelo assassino foragido. O que explicaria a visita do Ministro e todo o discurso de que as circunstâncias mudam. Em conversa reservada, um dos personagens defende que Harry saiba da verdade, e diz que não “dá a mínima ao que o Ministro declara ao Profeta Diário”, fazendo cogitar a possibilidade de o Ministro estar inventando informações a serem divulgadas, em favor das relações públicas do órgão. Em seguida, ele acrescenta que a imprensa não noticiou que o assassino esteja atrás de Harry, para conter uma crise em potencial, por ordem do Ministro.

[...] Já faz três semanas e nem sinal dele (Sirius Black), e não dou a mínima para o que Fudge vive declarando ao Profeta Diário, estamos tão próximos de apanhar Black quanto estamos de inventar uma varinha que funcione sozinha [...] (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, 2000, p. 59).

Desta forma, se antes os meios de comunicação estavam sujeitos à influência de um poder, de certa maneira, relativamente generalizado, podendo assumir diversas

formas e ser motivado por diferentes fatores (“O Profeta Diário” tinha sido influenciado pelo diretor de Hogwarts, mas, no futuro, poderia o ser por qualquer outra pessoa), eles agora estavam sujeitos à influência de um poder maior que era manipulador e nenhum pouco transparente, onde as “circunstâncias mudam” sem que a população tenha ciência do que está motivando de fato as mudanças, muitas vezes sem nem mesmo estar ciente de que elas estejam acontecendo, de acordo com o que o Estado deseja que seja feito para o que entende por bem coletivo.

Na altura do quarto volume da série, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, um campeonato entre escolas de magia, o Torneio Tribruxo, realizado pela última vez a centenas de anos por conta dos altos riscos que envolve, atrai para Hogwarts uma carga extra de atenção da mídia. A todo instante o leitor é chamado a observar como o periódico distorce o que acontece dentro de Hogwarts, mais precisamente ainda, no que diz respeito a Harry Potter. A imprensa é representada através da caricata personagem Rita Skeeter, uma personagem inescrupulosa, e bem distante da imagem ideal montada no imaginário coletivo a cerca do que deve ser um profissional de comunicação. Outra alfinetada aparece com um instrumento utilizado pela própria repórter, uma pena de repetição rápida, que enche de coloridos irreais qualquer declaração dada a ela. Causando alvoroço com muitos “furos de reportagem”, e mal estar entre os entrevistados, que passam a fugir da repórter por sua atitude nada confiável, em passar mentiras fantasiosas à população, por trás de páginas respeitadas de um jornal bem vendido, e supostamente confiável.

3.2 A consolidação da imagem dos meios de comunicação no contexto da trama

Até aqui, cada um dos volumes publicados da série acrescentaram, de uma forma ou de outra, novas dimensões ao mundo bruxo, proporcionando que o leitor crescesse junto do protagonista, mapeando e tornando-se consciente das proporções de cada elemento dentro da estrutura deste universo criado pela autora J.K. Rowling. Durante os quatro anos anteriores (cada livro representa um ano na vida do protagonista) valores foram construídos e internalizados, e o leitor já sabe o que esperar dos meios de comunicação pelo que foi mostrado de sua dinâmica de funcionamento. Ao chegar neste ponto, o leitor já tem construída uma visão bastante

determinada dos meios de comunicação e do papel que desempenham no contexto do enredo de Harry Potter, instrumentos frágeis, facilmente utilizados pelo poder. Os últimos três livros: *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, marcam a chegada do amadurecimento. Harry Potter está agora na faixa etária entre 15 e 17 anos e não pode mais ser considerado um recém-chegado, assim como também não podem ser os leitores. Com a proximidade do desfecho da história, questões precisam ser respondidas, e a disputa pelo poder torna-se cada vez mais acirrada.

Em um primeiro momento, em *Ordem da Fênix* e *Enigma do Príncipe*, o veículo de comunicação “O Profeta Diário” é utilizado pelo governo para a propagação de ideias-força que irão beneficiar a própria instituição, neste caso, o governo bruxo, personificado na figura do Ministro da Magia (este artifício será utilizado em dois momentos diferentes, por dois Ministros). E, mais a frente, em *Relíquias da Morte*, o ditador Lord Voldemort se vale do mesmo artifício para conseguir passar as ideias-força presentes na mensagem de seu regime ditatorial para vender uma visão de mundo aos leitores do jornal.

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, o que antes, ao ingressar no mundo dos bruxos, parecia apenas uma ameaça eminente, acaba de acontecer: o ditador Lord Voldemort voltara, mesmo que o Ministério da Magia afirme o contrário para a população. Para o Ministro da Magia, retomar o pânico daqueles tempos significaria perder toda a estabilidade conseguida depois de treze anos, o que implicaria em ações monumentais por parte do Ministério, e por isso mesmo o retorno d’ Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado não havia acontecido, só porque um garoto de quinze anos dissera que sim – Harry fora o único a presenciar a ressurreição de seu inimigo. A ação tomada pelo Ministro foi então a de desacreditar a figura de Harry Potter, O Menino que Sobreviveu, e a do Diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore, considerado por grande maioria o mais poderoso bruxo dos tempos modernos – e publicamente um defensor de Harry Potter. Para isso, usou “O Profeta Diário”.

Durante dois meses, período que se seguiu após o retorno do vilão, e o pronunciamento feito por Dumbledore, com relação ao seu retorno, confirmando a versão de Harry Potter, o jornal passou a manter em suas páginas referências constantes a Harry e Dumbledore. Pintando Harry Potter como uma pessoa fantasiosa e sedenta de atenção, e Dumbledore como um velho senil. Observa-se

aqui o princípio de exclusão que interdita, falado por Michel Foucault em seu livro *A Ordem do Discurso*, onde aquele dito louco não pode ter o seu discurso circulando livremente no âmbito social como o dos demais. “Pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou contrato [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Desta maneira, o Ministério assegura que duas figuras de forte representação de confiabilidade e de credibilidade - Harry Potter representando a resistência à Lord Voldemort e Dumbledore representando a perícia em magia, a excelência de um mago - sejam desacreditadas, tendo os seus discursos anulados e, qualquer ideologia contrária àquela reforçada pelo governo em exercício, não seja acolhida pela comunidade em que ela poderia circular. Em determinado ponto da trama, o jornal já é considerado como um inimigo:

- Para que é que você ainda está recebendo isso? – perguntou Harry irritado [...] – Eu não estou mais... é um monte de baboseiras. / É melhor saber o que o inimigo está dizendo – respondeu Hermione sombriamente, e, desdobrando o jornal, desapareceu por trás dele [...] (*Harry Potter e a Ordem da Fênix*, 2003, p. 188).

Depois de um confronto dentro do próprio Ministério, entre Harry Potter e Lord Voldemort, o Ministro Cornélio Fudge é forçado a admitir o retorno do temido vilão. É quando, em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, a população já não o vê mais como um líder forte para um momento conturbado como o que começa a se descortinar; ele é então substituído por Rufus Scrimgeour, assim também como a linha editorial de “O Profeta Diário”, que é substituída e passa a tentar mostrar Harry Potter como a verdade incontestável de que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado precisa ser derrotado, verdade que havia sido oprimida, mas que agora deveria ser exaltada. Manobra para mostrar que o Ministério que no passado havia ocultado informações da população, nesta nova fase, prezava por nada mais, nada menos, do que a verdade e a transparência, personificadas no protagonista que havia sido desacreditado.

Ironicamente, na tentativa de distanciar a nova gestão da antiga, a que escondia os fatos e não estava preparada para lidar com a dureza dos novos tempos, pela que encara os perigos e faz o trabalho que tem de ser feito, a instituição recorre ao

mesmo uso equivocado dos *media*, interferindo diretamente no que é publicado, ocultando a realidade para orquestrar a criação de uma atmosfera mais benigna para as intenções do Ministério. O retorno do vilão era ocultado no antigo modelo de governo, e agora fugas em massa e assassinatos não eram veiculadas para dar a falsa sensação de que as coisas estariam voltando ao lugar, graças à impetuosidade e ação do novo Ministro, assim como o povo havia pedido.

Scrimgeour chega a pedir a Harry Potter que ele se deixe ser visto entrando e saindo do Ministério de vez em quando, para dar a impressão correta para a população, afinal de contas, dispara ele, “é aquilo em que as pessoas acreditam que é importante” (2005, p. 270), e elas acreditam que Harry Potter é o eleito para livrar a comunidade bruxa, de uma vez por todas, do terror que representa ter Lord Voldemort de volta e com o seu poder recuperado.

- Então, basicamente – falou Harry, como se quisesse apenas esclarecer alguns pontos -, o senhor gostaria de dar a impressão de que estou trabalhando para o Ministério? / - Daria mais ânimo a todos pensar que você participa mais, Harry – disse Scrimgeour, parecendo aliviado que o garoto tivesse entendido tão rápido. – “O Eleito” sabe... é uma questão de dar esperança às pessoas, a sensação de que há coisas emocionantes acontecendo... (*Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, 2005, p. 271).

Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* este comportamento é intensificado, até que Lord Voldemort toma o Ministério da Magia, e também os meios de comunicação, em um golpe “hábil e virtuosamente silencioso”. E muito além da negligência da verdade, os veículos tradicionais da mídia passam a servir de plataforma privilegiada, um canal direto com o povo, para propagar a ideologia contrária aos nascidos ‘trouxa’, ou seja, contra os nascidos em famílias não bruxas. Criando “a possibilidade de dominar a partir da interioridade da consciência do outro, criando evidências e adesões, que interiorizam e introjetam nos grupos destituídos a verdade e a evidência do mundo do dominador” (GUARESCHI, 1991, p. 19). Construindo a imagem dos indivíduos de origem ‘trouxa’ como sendo não confiáveis, ladrões sorrateiros da magia dos bruxos, que de boa vontade haviam concedido a oportunidade destes viverem em uma sociedade mágica.

No que os meios alternativos desempenham papel de protagonista heróico, levando à população a verdade dos fatos negligenciados pelos meios tradicionais

(não só o “Profeta Diário”, como também a RRB, “Rede de Rádio Bruxa”, uma irmã fictícia da BBC), e assim conquistam o leitor, e redimem a imagem dos meios de comunicação, reservando o tom da crítica aos grandes conglomerados controlados pelo Estado. Os maiores representantes da mídia alternativa são o “O Pasquim” e o “Observatório Potter”. O primeiro, uma revista um tanto quanto excêntrica, famosa por publicar teorias nada racionais sobre os fatos, mas que durante a fase mais pesada do regime passa a publicar matérias consideravelmente importantes contra o ditador, período onde a tiragem de venda aumenta consideravelmente. Onde cabe mais uma vez a teoria da loucura estudada por Foucault, princípio de exclusão que impede que o discurso seja visto como aceitável e assim circule, mas que também, como neste caso em particular, pode de tempos em tempos assumir “estranhos poderes”, o de dizer uma verdade escondida, constatar aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (FOUCAULT, 2010, p. 11). O editor da publicação chega a sofrer chantagem, e sua filha é sequestrada para que ele mude a linha editorial de “O Pasquim” para acompanhar aquela defendida pelo regime.

O segundo, o “Observatório Potter”, um programa de rádio clandestino que, por não seguir as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Magia, era transmitido no que seria o equivalente a frequências piratas no mundo trouxa, e precisava de senha para ser escutado. O local da transmissão variava por conta dos apresentadores, que precisavam fugir constantemente das “comissões” enviadas pelo governo. Estes também utilizavam codinomes para não serem pegos, e manter seus familiares a salvo. O programa divulgava as mortes que não eram publicadas em “O Profeta Diário”, e trazia convidados para discutirem os acontecimentos.

Ao final da série, o leitor observa de forma bastante clara a caracterização de uma dinâmica da comunicação predominantemente esquerdista, de acordo com a teorização da Ação Política, onde a maioria dos meios de comunicação de massa de relevância, dentro do contexto do enredo, servem aos interesses do estado. Nesta dinâmica, os jornalistas são pouco relevantes, reduzidos à função de executantes a serviço do poder, e as notícias diretamente determinadas por este. Temas ou acontecimentos serão abordados como grandes histórias e servirão para ajudar a mobilizar a opinião pública em uma determinada direção.

Por outro lado, os meios alternativos de comunicação podem ser vistos em Harry Potter como um esboço da visão de direita (um esboço porque, ao longo de

toda a trama, este lado da teoria se mostra ocupando uma parte ínfima, perto do que a visão esquerdista representa, em termos de experiência da comunicação junto ao leitor), onde os meios serão utilizados para propagar opiniões contrárias ao do poder vigente. Aqui, por ter o controle do produto que resultará do processo jornalístico, e por estarem dispostos a injetar neste produto sua visão de mundo e preferências ideológicas, os jornalistas terão um papel mais ativo, e por isso heróico, dentro da trama.

Em todos os momentos, no entanto, pairando como uma cobrança pública dura por parte da autora, está a reflexão em torno da Teoria democrática, que ainda habita fortemente o imaginário coletivo com relação ao que vem a ser a função do jornalismo na sociedade, e cobra o papel do jornalista, e da comunicação de uma maneira geral, como porta-voz da opinião pública e vigilante do poder político, protegendo a população de eventuais abusos do poder (o contra-poder), e não colocando-se contra ela ao lado dos poderosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou levantar nova discussão sobre a série Harry Potter, despertando o olhar a um novo aspecto de sua estrutura, o da comunicação. Por meio da análise dos sete volumes que a compõe, as ocorrências dos meios de comunicação em suas páginas foram observadas de perto, assim como a sua dinâmica de comportamento dentro do contexto da trama e sua relação com o poder, procurando identificar dentro das Teorias da Comunicação, a que mais representasse o papel desempenhado pelos *media* dentro deste universo em particular. Da mesma forma, através desta observação, tornou-se pertinente discutir o papel do discurso e da busca da verdade.

Após estudo dos livros, concluiu-se que os meios de comunicação, em sua relação com o poder, se comportam predominantemente de acordo com a abordagem esquerdista, defendida por Herman e Chomsky, das Teorias da Ação Política, onde “O Profeta Diário”, meio de comunicação de massa mais importante da trama, serve a todo o momento meramente como instrumento dos interesses do poder. Concluiu-se também que, em contraponto, existe a reflexão constante sobre a Teoria Democrática da Comunicação, onde ao evidenciar o uso arbitrário feito dos meios de comunicação, a autora chama os leitores a discutir qual deve ser o verdadeiro papel dos *media* em uma sociedade dita democrática. O que não significa negar a existência de traços referentes a outras Teorias da Comunicação, campo que pode ser explorado em pesquisas futuras sobre este mesmo tema, e fica aqui como sugestão para futuros pesquisadores.

Ao final da série, a equação entre meios de comunicação e poder, e a relação desta com o público consumidor de informação, mostra uma visão bastante crítica da realidade dos *media*, por uma autora inserida em uma realidade onde a BBC, uma rede pública, controla majoritariamente a televisão e o rádio da Grã-Bretanha, e o escândalo e o sensacionalismo tem sempre espaço entre os tablóides. Desta maneira, a corrente de pensamento teórico liberal, de um jornalismo que fiscaliza o poder e luta pela verdade, imagem trazida desde a legitimação da profissão do jornalista, ainda no século XIX, onde este profissional passa a ter um novo objetivo, o de fornecer informação, e não propaganda, como acontecia durante o século anterior, marcado pelo partidarismo político visto na Revolução Francesa, dá

combustível para a reflexão de um contexto onde a centralização do poder midiático representa a morte do *ethos* da profissão, servindo unicamente de plataforma de propaganda para visões determinadas do mundo e perigosas para ele, uma vez que onde não existe a livre circulação de idéias, e o debate delas, a democracia está em risco. Ter grandes conglomerados significa retornar ao tempo de partidarismo, agora influenciado não apenas pelo poder político simplesmente, mas pelo capital. Muito além da luta entre Harry Potter e Lord Voldemort, existe na trama fantástica de J.K. Rowling a luta entre a liberdade e a opressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANELLI, MELISSA. *Harry e seus Fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.) *Comunicação & Controle Social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J.K. (Joanne K.). *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a Mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.* Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massa.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXO A - Matéria de 'O Profeta Diário' em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, Pág. 37.

– Você devia ler mais jornal.

Harry ergueu a página diante da luz e leu:

BLACK AINDA FORAGIDO

Sirius Black, provavelmente o condenado de pior fama já preso na fortaleza de Azkaban, continua a escapar da polícia, confirmou hoje o Ministério da Magia.

“Estamos fazendo todo o possível para recapturar Black”, disse o Ministro da Magia, Cornélio Fudge, ouvido esta manhã, “e pedimos à comunidade mágica que se mantenha calma.”

Fudge tem sido criticado por alguns membros da Federação Internacional de Bruxos por ter comunicado a crise ao Primeiro-Ministro dos Trouxas.

“Bem, na realidade, eu tinha que fazer isso ou vocês não sabem?”, comentou Fudge, irritado. “Black é doido. É um perigo para qualquer pessoa que o aborreça, seja bruxo ou trouxa. O Primeiro-Ministro me garantiu que não revelará a verdadeira identidade de Black. E vamos admitir – quem iria acreditar se ele revelasse?”

Enquanto os trouxas foram informados apenas de que Black está armado (com uma espécie de varinha de metal que os bruxos usam para se matar uns aos outros), a comunidade mágica vive no temor de um massacre como o que ocorreu há doze anos, quando Black matou treze pessoas com um único feitiço.

Harry olhou bem dentro dos olhos sombrios de Sirius Black, a única parte do rosto encovado que parecia ter vida. O menino jamais encontrara um vampiro, mas vira fotos nas aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas, e Black, com a pele branca como cera, se parecia muito com um.

– Carinha sinistro, não é mesmo? – comentou Lalau, que estivera observando Harry enquanto lia.

– Ele matou *treze pessoas*? – admirou-se Harry, devolvendo a página a Lalau. – *Com um feitiço*?

– É isso aí, bem na frente de testemunhas e tudo. Em plena luz do dia. Armou uma confusão do caramba não foi, Ernesto?

– Hum-hum – confirmou Ernesto sombriamente.

Lalau girou a cadeira de braços, cruzou as mãos às costas, a fim de olhar melhor para Harry.

*FUGA EM MASSA DE AZKABAN
MINISTÉRIO TEME QUE BLACK SEJA O "PONTO DE REUNIÃO"
PARA ANTIGOS COMENSAIS DA MORTE*

– Black? – exclamou Harry em voz alta. – Não...?
– Psiu! – sussurrou Hermione desesperada. – Não fale tão alto...
só leia!

O Ministério da Magia anunciou à noite passada que houve uma fuga em massa em Azkaban.

Em entrevista aos repórteres em seu gabinete, Cornélio Fudge, ministro da Magia, confirmou que dez prisioneiros de segurança máxima escaparam no início da noite de ontem, e que ele já informou ao primeiro-ministro dos trouxas a natureza perigosa dos fugitivos.

"Nós nos encontramos, infelizmente, na mesma posição de dois anos e meio atrás quando o assassino Sirius Black fugiu", comentou Fudge. "E achamos que as duas fugas estão relacionadas. Uma fuga nessa escala aponta para ajuda externa, e devemos nos lembrar que Black, a primeira pessoa a escapar de Azkaban, estaria em posição ideal para ajudar outros a seguirem seus passos. Cremos que muito provavelmente esses indivíduos, entre os quais se inclui a prima de Black, Belatriz Lestrange, se agruparam em torno de Black como seu líder. Estamos, no entanto, envidando todos os esforços para capturar os criminosos, e pedimos à comunidade bruxa que se mantenha alerta e cautelosa. Em nenhuma circunstância devem se aproximar desses indivíduos."

– Está tudo aí, Harry – disse Rony, assombrado. – É por isso que ele estava tão feliz ontem à noite.

– Não acredito – vociferou Harry. – Fudge está culpando Sirius pela fuga?

– Que outra opção ele tem? – disse Hermione amargurada. – Não vai poder dizer: "Desculpe, pessoal, Dumbledore me avisou que isto poderia acontecer, os guardas de Azkaban se uniram a Voldemort", pare de choramingar, Rony, "e agora seus piores seguidores também fugiram". Quero dizer, ele passou uns seis meses anunciando para todo o mundo que você e Dumbledore eram mentirosos, não?

Hermione abriu com violência o jornal e começou a ler a notícia nas páginas internas enquanto Harry corria os olhos pelo Salão Principal. Não conseguia entender por que seus colegas não estavam apavorados nem sequer discutiam a terrível notícia na primeira página, mas poucos tinham assinatura diária do jornal como Hermione.